

Importância da Toponímia para o conhecimento do Português Antigo

António Pereira
Universidade do Minho

Introdução

A Toponímia (estudo dos nomes de lugares), tal como a Antroponímia (estudo dos nomes de pessoas) e a Polionímia (designação proposta por Leite de Vasconcelos para englobar todos os outros nomes que não pertencem a nenhuma das duas primeiras secções: nomes de astros, ventos, barcos ...), insere-se habitualmente no domínio da Onomástica.

Devido à multiplicidade de aspectos que apresenta, a Toponímia continua a ser uma das ciências mais cultivadas na actualidade em numerosos países, visto que interessa não apenas à Linguística, mas também a muitas outras ciências como a Geografia, a História e a Arqueologia, por exemplo.

Todavia, é a dimensão linguística da Toponímia que queremos valorizar antes de mais. Deste modo, e no intuito de conhecermos cada vez melhor as principais características do Português Antigo (sobretudo na sua primeira fase), analisaremos as estruturas toponímicas que ocorrem em alguns dos primeiros documentos escritos em Português (século XII), em domínios como a Fonética-Fonologia, a Morfologia, a Sintaxe e a Etimologia. Reforçaremos o valor da Toponímia na datação e proveniência dos documentos e ainda a sua relação com determinadas tipologias textuais (“notícias”, “fintos”, “documentos” ...).

1. Toponímia e História da Língua

Centremos a nossa atenção nos seguintes conjuntos toponímicos:

- (1) Correlhã, Guimarães, Lourinhã.
- (2) Alfaiates, Oleiros.
- (3) Cabreira, Cerveira, Gulpilhares.
- (4) Aveleda, Oliveira, Sobreiro.
- (5) Vizela, Vouzela.
- (6) Costa, Outeiro, Várzea.

Reconhecemos, com certeza, que a sua organização não foi feita arbitrariamente mas que teve em conta as múltiplas procedências dos topónimos. Assim, o conjunto (1) tem por base antropónimos – dando origem à chamada antropotoponímia¹; o conjunto (2) assenta em nomes de profissões; o (3), em nomes de animais²; o (4), em nomes de árvores ou plantas – a fitotoponímia; o (5), em nomes de rios – hidronímia³; e, finalmente, o conjunto (6), constituído por nomes relacionados com o relevo e acidentes do solo – a oronímia ou microtoponímia.

Com a aferição destes dados, a História da Língua cumpre apenas uma das suas primeiras etapas de investigação (chamemos-lhe “epiderme”) já que, numa perspectiva etimológica, ela “não se contenta com identificar a forma actual de um vocábulo com a sua forma primitiva subjacente, mas esforça-se por reconstituir a sua história externa (fonética) e interna (semântica) através dos séculos” (Piel: 9). Parece estar demonstrada, assim, a complexidade da toponímia, e do léxico em geral, uma vez que ela é, quase sempre, o resultado de um processo de formação multissecular cuja génese se situa, geralmente, em épocas bem distantes das nossas primeiras produções textuais do final do século XII.

Abordar a questão das origens e estruturação do léxico português (cf. Piel: 9-16), significa ter em conta pelo menos três estádios ou camadas: o substrato (elementos pré-latinos), o estrato (fundo latino) e os superstratos (elementos germânicos, árabes, entre outros). Ora, a toponímia pode também ela sugerir determinadas influências que remetem para o substrato céltico (*Conimbriga, Penacova, Penafiel, Penalva ...*), para o estrato (*Castro* ou *Craсто, Chaves, Sagres ...*), para o superstrato germânico (a partir do século V: *Ermesinde, Esposende, Gondim, Gouveia, Guimarães ...*) e para o superstrato árabe (a partir do século VIII: *Albufeira, Alcácer, Alcântara, Alcobça, Algarve ...*).

Relativamente aos campos semânticos para os quais estes estratos remetem, defende-se habitualmente que os idiomas pré-latinos comunicaram ao latim provincial (e depois ao português) termos relacionados com a topografia, as espécies vegetais e o ambiente rústico (*barranco, lapa, mouta, várzea, veiga ...*)⁴; por sua vez, os elementos germânicos situam-se preferencialmente no âmbito das actividades militares, objectos caseiros e conceitos jurídicos (*bando, espeto, luva ...*), mas as formas toponímicas, principalmente as visigodas, formaram-se, com frequência, a partir dos nomes dos proprietários e fundadores de terras da Idade Média (cf. “Toponímia Germânica da Península Ibérica”, em Piel: 129-147); mais significativo é o superstrato árabe uma vez que abrange praticamente todos os sectores: cargos e dignidades, administração, termos castrenses, plantas, profissões

¹ *Villa Cornelianana*, isto é, de *Cornelius* > *Correlhã*; *Villa Vimaraniis*, de *Vimara* > *Guimarães*; *Villa Lauriniana*, isto é, de *Laurinus* ou *Laurinius* > *Lourinhã*.

² O termo *Cerveira*, por exemplo, está relacionado com *cervo*, «veado», enquanto que *Gulpilhães* remete para *vulpecula*, «raposa».

³ Do Ave: *Avicela* > *Vizela*; do Vouga, *Vauca*: *Vaucella* > *Vouzela*.

⁴ Especialistas há que consideram pré-romanos os topónimos que apresentam o prefixo *Ili-* (*Iluro, Iliberris ...*) - do basco *iri*, «cidade», «vila» - e localizam-nos na metade setentrional da Península. António Tovar, por exemplo, defende uma origem tartéssica para uma série de topónimos peninsulares terminados em *-ippo* ou *-ipo* (*Olisipo, Collipo ...*). Por outro lado, os topónimos terminados em *-briga*, como *Conimbriga* e *Merobriga*, poderão estar relacionados com a primeira invasão céltica.

e indústrias, particularidades topográficas (*albufeira, alverca ...*), arquitectura, ciências exactas, e muitos outros, apresentando muitas vezes o tão característico artigo semita *al* (*Al-bufeira, Al-garve ...*). Quanto à localização geográfica, e de acordo com a ocupação da Península Ibérica pelos povos invasores, sabemos que os topónimos de origem germânica predominam no Norte de Portugal, enquanto que os de origem árabe se situam preferencialmente no Centro e Sul do País.

2. A Toponímia em dois documentos portugueses do século XII

Muito recentemente, Souto Cabo (2003) publicou um trabalho intitulado “Nas origens da expressão escrita galego-portuguesa. Documentos do século XII” onde apresenta o resultado de uma longa mas frutífera investigação que veio “mexer” de novo com a questão dos mais antigos textos escritos em galego-português/português⁵. Depois de Ana Maria Martins (1999) ter apresentado a *Notícia de Fiadores* de 1175 como o mais antigo documento em romance, eis que Souto Cabo nos surpreende com um conjunto de textos galego-portugueses que, segundo ele, se localizam no século XII, apesar de alguns não estarem datados. Passemos rapidamente à sua inventariação:

Grupo A

- A1:** 1139 - *Pedro Onoríguiz e Guntinha Nunes fazem um escambo de terras com Mendo Nunes e clérigos de Santa Eulália.*
IAN/TT, Mosteiro de São Simão da Junqueira, maço 2, n.º 33.
- A2:** 1184, Outubro - *Soeiro Fromarigues e Mónia Mendes vendem a D. João, bispo de Viseu, a herdade de Vila de Canas em Senhorim (Viseu).*
IAN/TT, Cabido da Sé de Viseu, maço 4, n.º 30.
- A3:** 1188, Julho - *Paio Caldes e Loba Pais vendem a Fernando Pais e a Urraca Viegas um casal em Prime (Viseu).*
IAN/TT, Cabido da Sé de Viseu, maço 5, n.º 6.

Grupo B

- B1:** s.d.- *Notícia de Vermudo Guterres*
IAN/TT, Cabido da Sé de Viseu, maço 5, n.º 28.
- B2:** 1188, Outubro, 3 - *Finto dos tesouros da Sé de Viseu*
IAN/TT, Cabido da Sé de Viseu, maço 5, n.º 7.
- B3:** s.d. - *Manda de D. Pedro Alvites*
IAN/TT, Colegiada de Guimarães, maço 4, n.º 46.

⁵ Aproveito este momento para agradecer muito calorosamente aos Professores José António Souto Cabo, da Universidade de Santiago de Compostela, e Ivo Castro e Ana Maria Martins, da Universidade de Lisboa, “meus mestres”, o muito que já me ensinaram e continuarão a ensinar no domínio da História da Língua Portuguesa.

Grupo C

- C1:** s.d. - *Escrito de Paio Soares*
IAN/TT, Colegiada de Guimarães, maço 4, n.º 45.
- C2:** 1184 - *Nómina de Pedro Viegas*
IAN/TT, São João Baptista da Pendorada, maço 12, n.º 3.
- C3:** s.d.- *Carta de foro da Benfeita*.
IAN/TT, Cabido da Sé de Coimbra, maço 8, n.º 42
- C4:** s.d. - *Pacto de Gomes Pais e Ramiro Pais*
IAN/TT, Mitra de Braga, maço 1, n.º 26/A

Tendo em vista a possibilidade de classificar os textos como galego-portugueses, Souto Cabo refere que o **Grupo A** (diplomas de tipo dispositivo) apresenta já “fragmentos de nítido romanceamento” (p. 332); o **Grupo B** (documentos de prova) caracteriza-se por um romanceamento “extenso, não parcelário” (p. 335); enquanto que o **Grupo C**, o mais importante, evidencia uma *scripta* significativamente autónoma em relação ao modelo latino (cf. p. 337). Algumas páginas depois, Souto Cabo é ainda mais conclusivo: “não duvidamos em qualificar como textos galego-portugueses (...) o *Pacto de Gomes Pais e Ramiro Pais* (**C4**) e a *Carta de foro da Benfeita* (**C3**). O *Escrito de Pai Soares* (**C1**) e a *Nómina de Pedro Viegas* (**C2**) manifestam um estatuto idiomático mais ambíguo, já que a representação latina tem, em termos percentuais, um peso significativo. Todavia, numa concepção mais flexível, poderão também ser definidos como diplomas galego-portugueses pela relevância qualitativa do elemento romance” (p. 339).

Apesar do elevado grau de romanceamento dos **Grupos A e B**⁶, faremos apenas dos textos do **Grupo C** o objecto do nosso trabalho: numa primeira fase, consideraremos o **C1** e o **C2**; posteriormente, num outro trabalho a publicar brevemente, ocupar-nos-emos do **C3** e do **C4**. Quanto aos critérios a adoptar para a constituição do *corpus*, seleccionaremos os termos que já assumem no texto o estatuto de topónimo ou dele se aproximam.

2.1. Escrito de Paio Soares⁷

Hec est scriptu quod fecit dominus pelagius suariz. de auer que dedit super hereditat?. In primo ad sua germana elui f- ra suariz & suo marido pelagio ^huariz^

⁶ Segundo Souto Cabo, o grau de romanceamento aumenta na passagem do **Grupo A** para o **B** (e do **B** para o **C**, evidentemente). Mais: “a representatividade da *Notícia de fiadores*, como exemplo da emergência da escrita romance no nosso âmbito linguístico, é equivalente à das cartas examinadas no grupo A” (p. 340). Nesta linha de pensamento, se defendermos uma escrita romance para a *Notícia* também o devemos fazer para os textos de **A** e mais ainda para os de **B**.

⁷ Na transcrição deste documento (o *Escrito de Paio Soares*) e do seguinte (a *Nómina de Pedro Viegas*), procurámos seguir, tão de perto quanto nos foi possível, a edição de Souto Cabo (pp. 378-380). Propositado foi o uso do **negrito** para destacar as formas toponímicas.

super hereditate de laurdelo per ipsu casal da nogueira que era inde sua a sesta dedit .iij. morabitanos. & per ipsa octaua do casal dantoína .viiiij. moRabitinos f^o & super hereditate de eluira suariz in ruuianes por terciã de uno casal .iij. moRabitinos & super a peza do cãpo da presa que fer i lama darca .ij. moRabitinos. Et super ipsa quintana de ruuianes dedit pelagio suariz f^o a suos sobrinos. egas pelaiz. & martinus pelaiz. & s/v/eiro pelaiz .xv. moRabitinos. Et super ipsa hereditate de maior moninz in ruuianes quanta ibi habebat .xx. Morabitanos. Et super ipso casal f^o de campo que fuit de gomez nuniz dedit pelagio suariz a pelagio oriz .xx. moRabitinos. In ribas per ipsos casales da torre dedit pelagio suariz a pelagio óóriz .xx. moRabitinos. Et super ipsa hereditate de ribas f^o de sancta maria de biadi per quanta ibi habebat biadi. dedit pelagio suariz a petro moninz .xviiiij. moRabitinos. Super hereditate de golodo gomez i ribas. viij. moRabitinos por quanta ibi habebat. Et ipso casal f^o do barrio que tenia gomez nuniz deu a pelagio suariz as quinque quintas por .v. morabitanos. & isto auer fuit dado de ianeiro in ianeiro.

2.1.1. Aspectos gerais

Este diploma não tem qualquer datação mas Souto Cabo (p. 341), a exemplo de outros especialistas, coloca-o na segunda metade do século XII: confirmam-no a letra e as personagens. Apesar da presença latina no léxico e na flexão nominal, o texto, em termos gerais, evidencia um forte romanceamento, até no domínio da morfologia verbal.

2.1.2. Toponímia⁸

laurdelo (1 ocorrência, linha 2): Do latim **lauritello-* (de *laurus*, «loureiro»), terá surgido em 922 como topónimo (*Lauritello*). Depois da sonorização da oclusiva /t/, teremos *Lauridelus* em 1010; *Laurdello*, em 1035, na sequência da síncope da vogal pré-tónica palatal /i/; e, finalmente, *Lordelo* a partir de 1112, depois de uma monotongação (ou terá existido uma forma intermédia, **Loordelo*, e então falaríamos de crase precedida de hiato: /oo/ > /o/?). A fazer fé em toda esta sequência toponímica, verificamos que a forma textual *laurdelo* aproxima-se de *Laurdello*, datada de 1035. Geograficamente, o topónimo aponta para o Norte de Portugal. Actualmente, *Lordelo* é frequente no Norte e na Galiza.

nogueira (1 ocorrência, l. 2): Do latim medieval **nocaria/nucaria* («nogueira», de *nux*, «noz»), com a sonorização da oclusiva /c/ ter-se-á passado para a forma toponímica *Nogaria* (946), depois para **Nogairu* (em virtude da metátese), a seguir para *Nogueira* (1127) graças à assimilação incompleta regressiva /ai/ > /ei/, e, finalmente, para *Nogueira* (em 1138 mas já atestada em 1086). Na actualidade, *Nogueira* é topónimo frequente sobretudo no Norte e na Galiza.

casal dantoína (1 ocorrência, l. 2): O termo *casal* tem origem no latim *casale-*, «relativo a casa, quinta, propriedade». Como topónimo terá surgido pela primeira vez em

⁸ As informações de natureza etimológica que se seguem foram colhidas, maioritariamente, no *Dicionário Etimológico* e no *Dicionário Onomástico Etimológico* de José Pedro Machado.

1094 (*Casale*). Quanto a *antoina*, o étimo será o antropónimo latino *Antonina*, feminino de *Antoninu-*, derivado de *Antonius*, este de origem obscura. Propomos a seguinte sequência: *antonina* > *antoina* > *antoia* (com as vogais em situação de hiato) > *Antoinha* (provavelmente a partir de 1250)⁹. O conjunto toponímico *casal dantoina* pode ter sido, assim, uma forma característica do século XII. Actualmente, o topónimo *Casal* é muito frequente em Portugal e na Galiza enquanto que para *Antoinha* há ocorrências pelo menos em Braga e Monção.

ruuianes (3 ocorrências, l. 3 e 4): A sua origem poderá estar no genitivo **Rubianis* (de **Rubio*, relacionado com o latim *rubeus*, «ruivo») que terá evoluído para *Rubianes* (959) e depois para *Rubiães* (em virtude da síncope do /n/ intervocálico e consequente nasalização) e *Ruivães* (depois da metátese e da troca de /b/ por /v/). Como se pode observar, a forma textual *ruuianes* mantém o /n/ intervocálico, indício revelador da antiguidade do texto já que, segundo Teyssier, ele cai provavelmente a partir do século XI. Encontramos hoje em dia *Rubiães* em Paredes de Coura e Viana do Castelo, por exemplo, e *Ruivães* em Cinfães e Fafe, entre outras localidades.

câpo da presa (1 ocorrência, l. 3): A primeira forma vem do latim *campus*, «planície, terreno extenso fora do povoado» (*Sancto iohanne de campo*, em 1077); *presa* será sinónimo de *represa* (forma atestada em 1065), feminino do substantivo *represso*, este do latim *reprehensus*, *a, um*, «retido, preso», participio passado de *reprehendere*, «reter, segurar». O topónimo *Campo* é hoje muito frequente de Norte a Sul (Arraiolos, Barcelos, Coimbra...), assim como *Presa* que também surge na Galiza.

lama darca (1 ocorrência, l. 3): Mais uma estrutura composta (nome+preposição+nome). O primeiro termo ter-nos-á chegado do latim *lama*, «lama, pântano» (este de origem pré-celta?). Como topónimo terá surgido, no plural, em 981: *Lamas*. Quanto a *arca*, parece não haver dúvidas: do latim *arca*, «caixa, cofre». Hoje, o topónimo *Lama* (e o plural) é frequente no Norte (por exemplo, em Abadim, Cabeceiras de Basto) e na Galiza; *Arca* surge geralmente em compostos (*Portela de Arca*, *Monte d'Arca* ...).

casal de campo (1 ocorrência, l. 4/5): Ver *casal dantoina* e *câpo da presa*.

ribas (2 ocorrências, l. 5 e 6): Com origem no latim *ripa*, «margem (em geral de rio), costa, barranco», o topónimo *Ribas* terá surgido em 1220, depois da sonorização da oclusiva bilabial /p/. *Ribas* é ainda um topónimo frequente, em Portugal e na Galiza.

casales da torre (1 ocorrência, l. 5): Surge-nos agora a forma plural *casales* com a particularidade de manter o /l/ intervocálico o que não será muito habitual em fases tardias (geralmente cai a partir do século X). Esta característica contribui para confirmar a antiguidade do documento. Quanto à forma *torre*, ela remete-nos para o latim *turris*, «torre, castelo»: *Turre*, em 1062; *Torre*, em 1112, com um decréscimo de velarização (/u/ > /o/).

⁹ Segundo Teyssier (p. 24), as grafias de origem provençal *nh* e *lh* só começam a ser usadas a partir de 1250.

(*ribas de*) *sancta maria de biadi* (1 ocorrência, l. 5/6): Em *sancta maria*, o primeiro termo tem origem no adjectivo latino *sanctus*, *a, um*, «santo» e o segundo no antropónimo latino *Maria*, este do grego *María*, que, por sua vez, se deve ao hebraico *Miriam* (*Sancte Maria* em 870, *Santa Maria de Lamas* em 961). Relativamente a *biadi*, julgamos estar por *biadilbiadim* (equivalentes a *Badim*?). *Badim*, forma antiga de *Abadim* (latim **abbatinu-*), vem do genitivo *Badini*, de **Badus* (este do germânico *badu*, «luta»?): *Badim* em 1091 e 1258. Actualmente regista-se *Santa Maria* de Outeiro (em *Abadim*, Cabeceiras de Basto), *Badim* em Amarante, Guimarães, Monção; *Abadim* em Cabeceiras de Basto, Caminha, Paredes ...

biadi (1 ocorrência, l. 6): Ver (*ribas de*) *sancta maria de biadi*.

(*casal do*) *barrio* (1 ocorrência, l. 6/7): Do vocábulo antigo *bárrio* («local ermo e inculto»), de origem obscura? Ou equivalente a *bairro*? Derivado do latim vulgar *barra*, seria o adjectivo *barriu-*, donde o português *bairro* (por metátese) e o castelhano *barrio* («arrabalde, o que está do lado de fora»). Em 1258, damos conta da ocorrência *casal do Barryo*. Na toponímia actual deparamos com *Bárrio* em Melgaço, S. Pedro do Sul ... e *Bairro* em Abadim (Cabeceiras de Basto), por exemplo.

2.2. Nómima de Pedro Viegas

*Hec est nomina de petro uenegas que facit de sua manda & de suas debitas uno casale i eruilaes a santa maria de taroucela cu hocto morabitanos qui ibi debet dare. uno casal i uilar f^o dau. ad santus ihoannes. habet dare: VIII. morabitanos. ad petrus n/o/geira. Mãdo que se soluat dos casalels dortigosa. a goãne moniz. I. morabitano. a mendus petriz de casal de gimara .i. morabitano. Menendus f^o pelagiz filio de pelagio mouro .j. morabitano. a petrus aluitiz .x. libras de pã. A maria bela .iii. soldos de pam. Dous soldos de dinarios a me#.#o cõlaco petrus uermuiz. Jhoane petrici que fecit f^o petrus uenegas. ^cristiano^ que li seruiat i uita sua. post obitu suu benedictu adeo. E quiquid remãdauert sid maledi/c/#l#tus Escomunicatus. E cu iudas traditore i inferno danat</us/>. f^o Jsta hereditate dortigosa laxo a mia mater que soluat mias debitas. ist(t)as debitas soltas. fique a hereditate a mia mater. i uita sua. ad obitu suu. mãdo a fratribus meis. que nuquã habea f^o potestat?. nec/ uendere nec ipeniorare. nec hereditare filioS nec filias qua*n*do fuerint fratribus meis occidere . #d# Mando duos casales. a santo ihoanne. Os que mig/u/ {hæsséron} da quintana f^o jno casale que parti cõ ramiro uenegas. i ortigosa. Mando ospital. A dona toda de barios .x. libras de pam . Era M^o CC XX .II. f^o A iohanne michaeiz .i^o. morab. f^o Jnista hereditate que ego mando pro anima mea & a meos iermanos. meo #s# amo & meos conlacos si illa uoluerint morar. que nuquam {éssént} de illa iactados sed iact?t alios de illa pro illos <a uermudusoriz L solido/s/> f^o a mea mater que de a meo amo una capa per singulos annos*

2.2.1 Aspectos gerais

Esta *Nómina* é constituída por dois actos diplomáticos logo identificados na primeira linha do documento: *manda e debitas* (ou relação de dívidas). Ao contrário do texto anterior, este aparece datado: “Era M^a CC XX .II.” (linha 7), isto é, 1184. À importância da sua antiguidade acresce o facto de estarmos perante um texto com um número muito significativo de elementos galego-portugueses, principalmente depois da primeira parte do discurso diplomático, conferindo-lhe uma traça “claramente romance”. São prova disso elementos morfológicos como o artigo “os”, os substantivos “capa”, “casal”, “pã/pam”, o pronome pessoal “migu”, os verbos “morar”, “parti”, entre muitos outros exemplos (cf. Souto Cabo: 342-344).

2.2.2. Toponímia

eruilas (1 ocorrência, linha 1): Plural do substantivo latino *ervilia*, «pequena lentilha» (*ervilianes* > *ervilaes*: síncope do /n/ intervocálico, por volta do século XI, e conseqüente hiato). É o diminutivo de *ervum*, «lentilha». A forma actual *Ervilhães* (segundo Teyssier, só após 1250 começa a ser usada a grafia de origem provençal /lh/, além de /nh/ – veja-se *casal dantoinha* em C1) atesta-se pelo menos em Cinfães, uma vila de Viseu.

(*santa maria de*) *taroucela* (1 ocorrência, l. 1): Para *santa maria*, veja-se (*ribas de*) *sancta maria de biadi* de C1. Quanto a *taroucela*, diz-ser ter derivado de *Tarouca*, forma de origem obscura, provavelmente pré-romana. Como formas antigas contamos com *Taraukella* (995?), *Taroukela* (1134) e *Tarouquela* (1037, 1065 ...), forma esta que se mantém na actualidade. Em Cinfães e em Vila Nova de Gaia, por exemplo, podemos encontrar localidades com o nome de *Tarouquela*.

uilar (1 ocorrência, l. 1): A sua origem está no latim *villare-*, «relativo à casa de campo». Em 803, *uillare*; em 897, *uillar*; em 1184 (neste texto, claro), *uilar*. Mais claramente como topónimo: *Uillar* em 908 e *Uilar* em 949. Na geografia do Norte de Portugal e na Galiza podemos encontrar o topónimo *Vilar* em formas simples e compostas.

santus ihoannes (1 ocorrência, l. 2) / *santo ihoanne* (1 ocorrência, l. 6): Para *santus/santo* veja-se (*ribas de*) *sancta maria de biadi* de C1. Em relação a *ihoanne(s)*, a origem está no hebreu *Iohanan*, que passou para o grego *Ioánes* ou *Ioánes* e depois para o latim *Johanne-*, «que Deus favorece ...». Integrando um dos antropónimos ainda hoje mais frequentes em Portugal (talvez o mais frequente), o topónimo *S. João* surge geralmente em compostos (*S. João* de Bastuço, *S. João* de Campo ...).

nogueira (1 ocorrência, l. 2): Veja-se *nugueira* de C1.

ortigosa (3 ocorrências, l. 2, 5 e 7): Derivado do substantivo feminino *ortigalurtiga*, este do latim *urtica*, com o mesmo sentido. A ocorrência textual *ortigosa* apresenta a sonorização da oclusiva /c/ mas já em 1065 temos notícia desta mesma forma toponímica.

(*casal de*) *gimara* (1 ocorrência, l. 2): Para *casal* veja-se *casal dantoina* de C1. A origem de *gimara* será germânica, do gótico * *weig*, «luta» + *mara*, «célebre» ou *mahrs*,

«cavalo». Como formas antroponímicas mais antigas contamos com *Uimara*, *Vimara* (867-912), *Guimarus* (1009) e *Guimara* (1220). Actualmente temos conhecimento pelo menos de uma localidade de nome *Guímara* em Cantanhede.

barios (1 ocorrência, l. 7): Estará este topónimo relacionado com *barrio*? Veja-se (*casal do barrio*) de **C1**.

3. Importância da Toponímia para o conhecimento do Português Antigo: Conclusões

Embora a datação exacta de um documento não deva ser a preocupação máxima do historiador da língua, a verdade é que ela acaba por constituir um elemento determinante para a compreensão dos traços linguísticos desse mesmo documento. Por outro lado, e à semelhança de certos elementos codicológico-diplomáticos, também a toponímia poderá constituir um factor decisivo na datação e proveniência dos documentos. É que, de um modo geral, a toponímia germânica, por exemplo, predomina na documentação anterior ao séc. XIII, ao passo que a de origem latina se impõe na viragem do séc. XII para o XIII. E os linguistas sabem disto. Assim, por exemplo, Lindley Cintra ao analisar a *Notícia de Torto* recorreu também à toponímia para determinar a data e o lugar de redacção do documento. Fez, então, o levantamento das ocorrências toponímicas e construiu uma espécie de mapa da região onde vivia o seu autor moral, Lourenço Fernandes: Cunha (*Coína*), São Martinho (*Sancto Martino*), Varzim (*Veracin, Veraci?, Feraci?*), Bastuço (*Bastuzio*), Tebosa (*Tefuosa*), Figueiredo (*Figueerecdo*), Tâmel (*Tamal*) e Louredo (*Laurecdo*). Conjugando estes dados toponímicos com outros também importantes, Cintra definiu como território da *Notícia* uma pequena região situada entre Braga e Barcelos, na freguesia de Cunha, e como data “cerca de 1214” (cf. Ivo Castro: 225-230).

Também Souto Cabo valorizou a toponímia como elemento fundamental na caracterização dos documentos, quer para a sua datação e localização geográfica, quer para determinar o seu grau de romanceamento. Ao analisarmos as formas toponímicas de **C1** e **C2** demos conta de que os seus traços linguísticos, principalmente os fonético-fonológicos, ocorrem, de facto, em outros documentos do século XII. Assim, algumas das principais características do português arcaico, na sua primeira fase (séculos XII-XIII), estão aqui presentes¹⁰: é o caso, por exemplo, da existência de encontros vocálicos (situações de hiato) resultantes da síncope de consoantes em posição intervocálica (*ervilaes* < *ervilanes*, em **C2**). Todavia, e relativamente a **C1** (texto não datado), a manutenção de grafemas intervocálicos como o *ln/* (em *ruuianes*) e o *ll/* (em *casales*), associada a outros factores, poderá confirmar a hipótese de **C1** ser mais antigo que **C2** e, portanto, anterior a 1184. Além disso, a toponímia de **C1** e **C2** situa-nos num determinado espaço (Norte de Portugal) e revela uma actualidade surpreendente, correspondendo, “grosso modo”, aos termos actuais. Na base da sua etimologia, encontramos preferencialmente o campo semântico dos vegetais (em **C1**, *laurdelo*, *nugueira*; em **C2**, *ervilaes*, *ortigosa*), do relevo e caracte-

¹⁰ Para se ter um conhecimento satisfatório dos traços que caracterizam, sobretudo nos domínios fonético e morfológico, o português arcaico, veja-se, por exemplo, Maia: 23-25.

rísticas do solo (em C1, *câpo da presa, lama darca, ribas ...*) e da antroponímia (em C1, *casal dantoina ...*; em C2, *casal de gimara ...*).

Estes são, no nosso entender, motivos mais do que suficientes para dar à toponímia, em estreita relação com outros elementos, a importância que ela merece no âmbito da História da Língua.

Referências

- Castro, Ivo (1991) *Curso de História da Língua Portuguesa*. Universidade Aberta.
- Cintra, Luís F. (1990) Sobre o mais antigo texto não-literário português: a Notícia de Torto (...). In *Boletim de Filologia*, Tomo XXXI (1986-1987), Lisboa.
- Costa, P. Avefino de Jesus da (1979) *Os mais antigos documentos escritos em português: revisão de um problema histórico-linguístico*. Coimbra.
- Machado, José Pedro (1993) *Dicionário Onomástico Etimológico da Língua Portuguesa*. 2ª ed., 3 vols., Horizonte/Confluência.
- Maia, Clarinda de Azevedo (1986) *História do Galego-Português. Estudo linguístico da Galiza e do Noroeste de Portugal desde o século XIII ao século XVI (Com referência à situação do galego moderno)*. Linguística – 9, Coimbra, Instituto Nacional de Investigação Científica.
- Maia, Clarinda de Azevedo (1995) Sociolinguística histórica e periodização linguística. Algumas reflexões sobre a distinção entre português arcaico e português moderno. *Diacrítica*, Revista do Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho, Braga, pp. 3-30.
- Martins, Ana Maria (1999) Ainda «os mais antigos textos escritos em português». Documentos de 1175 a 1252. In Faria, Isabel H. (org.) *Lindley Cintra. Homenagem ao Homem, ao Mestre e ao Cidadão*. Lisboa: Edições Cosmos, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, pp. 491-534.
- Martins, Ana Maria (2001) *Documentos Portugueses do Noroeste e da Região de Lisboa. Da Produção Primitiva ao Século XVI*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- Martins, Ana Maria (2001a) Emergência e generalização do português escrito: de D. Afonso Henriques a D. Dinis. In Mateus, Maria Helena Mira (coord.) *Caminhos do Português*. Lisboa: Biblioteca Nacional.
- Piel, Joseph-Maria (1989) *Estudos de Linguística Histórica Galego-Portuguesa*. Estudos Gerais / Série Universitária, Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- Souto Cabo, José António (2003) Nas origens da expressão escrita galego-portuguesa. Documentos do século XII. *Diacrítica*, Revista do Centro de Estudos Humanísticos, Série Ciências da Linguagem. Braga: Universidade do Minho, pp. 329-385.
- Teyssier, Paul (1987) *História da Língua Portuguesa*. Lisboa: Livraria Sá da Costa.